

*Manifesto do Partido Comunista: Programa da Revolução Proletária.**

*Erson Martins de Oliveira***

Resumo:

O *Manifesto do Partido Comunista* é o programa da revolução proletária. A luta instintiva do proletariado em si não pode derrotar os capitalistas. É necessário que de instinto de classe se transforme em consciência de classe. O *Manifesto* veio à luz respondendo à necessidade de construir o partido comunista. O lugar do partido na história é o de reunir os homens que compreendam as leis de funcionamento do capitalismo e que manejem o método do materialismo histórico, em função da luta de classes e da classe revolucionária que é o proletariado.

O *Manifesto*, constituído de teses, princípios e fundamentações históricas que constituem uma unidade é uma exposição programática da revolução proletária. Expressa o método do materialismo histórico e dialético. Portanto, a doutrina do socialismo científico, por ser um programa para a construção do Partido Comunista, materializa a estratégia histórica do proletariado, a destruição do capitalismo pela via revolucionária (expropriação violenta da burguesia) e a construção da sociedade sem classes.

Os adversários do marxismo, bem como os revisionistas, para combaterem o socialismo científico de Marx e Engels, fragmentam o *Manifesto*, questionam princípios, reconhecem formalmente acertos de análise econômica e o desvinculam da realidade concreta. Também usam da artimanha de deformar a realidade para negar premissas do *Manifesto*, a exemplo da concepção de Estado, luta de classes, etc.

Os ideólogos deformadores procuram transformar o *Manifesto* em seu contrário: utopia, idealismo, mecanicismo, esquematismo e economicismo. Inventam um Marx do *Manifesto* e um do *O Capital*. As artimanhas para combater o programa da revolução proletária não têm limites, chegando ao ponto de se decretar a quase extinção do proletariado pela renovação tecnológica. Por aí fica mais fácil se afirmar que as premissas da revolução socialista contidas no *Manifesto* estão superadas pela realidade. Entretanto,

* Este texto foi redigido com o objetivo de contribuir para a preparação das idéias a serem defendidas no ato do 2 de maio, em comemoração aos 150 anos do *Manifesto do Partido Comunista*.

** Professor de Teoria da Linguagem do Departamento de Arte da PUC-SP.

a tal da realidade mudada não faz senão confirmar as teses econômicas, políticas e históricas do *Manifesto*.

Alguns aspectos conjunturais do *Manifesto*, que já não têm vitalidade, foram inclusive reconhecidos por Engels em alguns de seus prefácios. O importante é que conserva a sua essência, ou seja, as leis de funcionamento do modo de produção capitalista baseadas na exploração da força de trabalho, as contradições econômicas e sociais que colocam sua superação histórica, o programa de expropriação da burguesia através da revolução, o internacionalismo e as premissas de extinção da sociedade de classes.

Nestes 150 anos, o capitalismo não fez senão vivenciar profundos choques de classe, nos quais o proletariado confirmou seu papel revolucionário, pelo lugar que ocupa nas relações de produção e no antagonismo de classe com a burguesia. A luta de classes como motor das transformações históricas se manifestou e se manifesta plenamente.

Na França de 1830, quando ainda a classe operária dava os primeiros passos em sua formação social, em Lyon, ocorreu a primeira revolta em que a luta de classes entre capitalistas e proletários expressou a guerra civil. Foi preciso um massacre militar para se impor a ordem burguesa. Os assalariados expressaram interesses de classe explorada, mostraram possuir métodos próprios e constituíram uma classe revolucionária. De lá para cá, a história da luta de classes está marcada pela antagonismo entre capital e trabalho, como demonstra o *Manifesto*.

Em 1848/49 na França, Alemanha, Hungria etc. a classe operária se destacou na revolução democrática de forma que marcou os acontecimentos com seu peso social e com seus métodos próprios de luta de massa. A burguesia não teve outra solução senão se unir à aristocracia reacionária para esmagá-la com as armas. A mortandade ocorrida nesta época é a prova mais cabal desta constatação.

Em 1871, houve um salto qualitativo do proletariado com a Comuna de Paris. Pela primeira vez na história, o proletariado toma o poder e por um breve espaço de tempo estabelece alguns marcos da revolução proletária. A burguesia francesa, auxiliada pela prussiana, teve de desfechar a mais bárbara repressão e triunfar na guerra civil para barrar a evolução do proletariado como classe revolucionária.

O capitalismo caminhava para o fim do século XIX quando viveu o abalo da Comuna de Paris, que comprovou a tese do *Manifesto* de que o proletariado é a única classe, no capitalismo, capaz de tomar o poder do Estado e realizar as transformações necessárias. De forma alguma as derrotas de 1830, 1848 e fundamentalmente a de 1871 depuseram contra as teses do *Manifesto*.

Sob a fase imperialista do capitalismo, marcada pela Primeira Guerra Mundial, produto genuíno da crise histórica do capital, o proletariado russo realizou a mais profunda e vitoriosa revolução proletária. A constituição do sólido partido bolchevique foi produto das contradições do capitalismo da época imperialista e da evolução da teoria do socialismo científico, em cuja base está a experiência internacional do proletariado.

O *Manifesto do Partido Comunista* se confirma como expressão histórica e teórica das contradições capitalistas e do desenvolvimento da luta de classes, que permitiram o proletariado derrotar a burguesia na Rússia. Todas as teses e princípios fundamentais da revolução proletária nesse país são expressão do socialismo científico de Marx e Engels. Não por acaso, Lenin chamou a atenção para o fato do *Manifesto* concentrar teórica, política e programaticamente a doutrina do socialismo científico, “valendo por muitos tomos”.

As demais revoluções posteriores, como na Hungria, China, Cuba etc., não fizeram senão reforçar o lugar do proletariado na expropriação da burguesia e tomada do poder do Estado.

As deformações do estalinismo e a restauração em curso, assim como a derrota da Comuna em 1871, não negam os fundamentos do *Manifesto*. Pelo contrário, confirmam-nos, a exemplo do internacionalismo proletário. A contra-revolução e a restauração são o outro lado da medalha da revolução, que se explicam pela materialidade da luta de classes e pela evolução política do proletariado mundial. Certamente, não faltarão ideólogos, ditos de esquerda e profundos conhecedores de *O Capital*, para encontrar as raízes do “fracasso do comunismo real” em Marx, como já estão fazendo de Lenin um Stalin e de Trotski um idealista bem intencionado.

Na época do imperialismo, iniciada em fins do século 19, portanto, quase 50 anos depois de redigido o *Manifesto*, a luta entre a classe burguesa e a proletária se tornou mais feroz. A classe capitalista assumiu a feição completa de classe dominante reacionária. Para sustentar a contradição básica, exposta no *Manifesto*, entre as forças produtivas potencializadas e as relações de produção e apropriação, que alcançaram a forma monopolista, foi obrigada a provocar guerras imperialistas, guerras de opressão nacional e guerras civis contra o proletariado.

Já em 1848, a burguesia manifestava traços reacionários, indicando sua constituição completa como classe opressora. Ou seja, revelava sua ditadura de classe concentrada no Estado. Na fase imperialista, o capitalismo mergulha a humanidade na barbárie e a conservação do poder de classe é obtida pelo totalitarismo, cuja expressão mais pura é o fascismo.

A democracia burguesa se degenera e dá lugar a formas totalitárias. A oposição entre democracia burguesa e fascismo é apenas política e não histórica. Em ambos regimes políticos impera a ditadura de classe da burguesia sobre o proletariado. Do ventre da democracia burguesa, impotente diante da agudização da luta entre capitalistas e proletários, nasce o fasci-nazismo. Foi assim nos países mais civilizados: Alemanha, Itália, etc. A unidade imperialista, fascista, contra a revolução espanhola de 1936 mostrou bem a época do capitalismo reacionário em toda linha. Lembra-nos a unidade francesa e alemã contra a Comuna de Paris.

O Estado como comitê para gerenciar os interesses exclusivos do capital, como conceitua o *Manifesto*, não só se confirma como alcança um grau mais elevado de domínio do capital financeiro e monopolista. A ditadura de classe dos capitalistas contra o proletariado e demais oprimidos

é exercida com mão de ferro. A era de reformas parlamentares se foi para não mais voltar.

É claro que os intelectuais da burguesia verão mecanicismo neste postulado. Para eles, o Estado era e continua a ser um espaço neutro onde as classes disputam o poder através da democracia parlamentar e pelo método do voto. Nele encarna a "democracia como valor universal" e não a democracia dos exploradores. E por aí vai. Como explicar assim, sem subverter a verdade dos fatos? Sem desfigurar ou omitir a história da luta de classes no capitalismo?

Cresce em meio a uma riqueza altamente concentrada a miséria das massas. A interdependência universal entre as nações, como também expõe o *Manifesto* em sua tese sobre o caráter mundial do capitalismo, se dá sob o gigantesco desenvolvimento de uma minoria de potências e o atraso esmagador da maioria de países semicoloniais.

Toda política econômica da burguesia se volta contra as massas exploradas de operários, camponeses e uma grande parcela da classe média urbana arruinada. Os milhões de desempregados, a destruição crescente de postos de trabalho, o rebaixamento salarial e a expulsão de camponeses da terra nos países em que subsistem mostram que o capitalismo, abundante em força produtiva e riquezas acumuladas, já não pode sustentar minimamente a maioria escrava do capital.

A cada situação de grandes crises de superprodução, igualmente descritas no *Manifesto*, a burguesia faz do Estado uma máquina de guerra comercial e bélica. Nossos dias estão marcados pela ofensiva da política de opressão nacional (saque imperialista) e de intensificação da opressão social (exploração da força de trabalho e desemprego em grande escala).

A propriedade dos meios de produção é histórica. Muda de forma nas sociedades de classe. A propriedade capitalista dos meios de produção é a última e mais desenvolvida forma de propriedade. Sua abolição não é a abolição da propriedade em geral. A revolução socialista muda o caráter social da propriedade, passando de privada a coletiva. Somente assim se inicia a transição do capitalismo para o comunismo, estágio mundial em que as velhas classes se acham extintas, como também toda sua expressão política, ideológica, etc.

A história caminha para a destruição das classes e, portanto, de todas as formas de opressão social e nacional. Porém, esse caminho estava e está marcado pela cruenta luta de classes, ou seja, por guerras, revoluções e contra-revoluções. As forças produtivas encarceradas pelas relações de produções se convertem em crises econômicas e sociais, que objetivamente colocam a necessidade de destruição do domínio burguês sobre a propriedade dos meios de produção. Se o proletariado não resolver tal contradição, a burguesia sempre achar meios para contorná-la provisoriamente. Esta destrói parte das forças produtivas, fecha fábricas, demite em massa, agiganta a miséria e a mortandade entre as massas. Quando os meios econômicos não são insuficientes, lança mão das guerras.

Em 1848, quando foi publicado o *Manifesto*, o mundo capitalista já havia conhecido várias crises periódicas de superprodução e todas se converteram em fome e miséria. Em nossa época, as crises se mostraram mais potentes, como prevê o *Manifesto*. As duas guerras mundiais foram a expressão mais acabada da revolta das forças produtivas. Mas tal método militarista de destruir forças produtivas e resolver problemas de mercado não se limitaram as Guerras Mundiais. O mundo vive em conflagrações, a exemplo da Guerra imperialista contra o Iraque, intervenções como a do Haiti, etc.

A necessidade de destruir o capitalismo para abolir a destruição do homem e da própria natureza saqueada é objetiva. Não é uma invenção de Marx e Engels. Porém, esta tarefa histórica depende de uma ferramenta: a do partido revolucionário. O *Manifesto do Partido Comunista* veio a luz com a finalidade de fundamentar os princípios e premissas do socialismo científico, em função da construção do partido. Não tem sentido referir-se ao *Manifesto*, do ponto de vista de sua defesa, se não se coloca plenamente a necessidade do partido, ainda mais quando a crise atual se caracteriza pelas condições objetivas maduras para as transformações e a desorganização mundial do proletariado; desorganização essa resultante da destruição da Terceira Internacional por Stalin e seus seguidores.

A luta instintiva do proletariado em si não pode derrotar os capitalistas. É necessário que de instinto de classe se transforme em consciência de classe. O lugar do partido é o de reunir os homens que compreendam as leis de funcionamento do capitalismo e manejem o método do materialismo dialético e histórico, em função da luta de classes e da classe revolucionária que é o proletariado. O *Manifesto* nos permite construir o partido da revolução. Os séculos poderão passar e o capitalismo sofrer mutações, mas enquanto existir como modo de produção está colocando para o proletariado a necessidade de constituir seu partido. Esta é a atualidade do *Manifesto*.

A emancipação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores. "Proletários do mundo todo, uni-vos".

Os proletários só podem tornar-se senhores das forças produtivas sociais abolindo o modo de apropriação de hoje e, como resultado, todo o modo de apropriação em vigor.

Todos os movimentos históricos foram, até, agora, realizados pelas minorias ou em proveito das minorias. O movimento proletário é o movimento espontâneo da imensa maioria em proveito da imensa maioria. O proletariado, camada inferior da sociedade atual, não pode erguer-se, levantar-se, sem ir para os ares toda superestrutura das camadas que constituem a sociedade oficial.

A burguesia não só forjou as armas que a levarão à morte; produziu também os homens que manejarão essas armas — os operários modernos, os proletários. De todas as classes que, na hora atual, se opõem a burguesia, só o proletariado é uma classe verdadeiramente revolucionária.

O objetivo imediato dos comunistas, é o mesmo que o de todos os partidos operários: constituição do proletariado em classe, derrubada do

domínio burguês, conquista do poder político pelo proletariado. Os comunistas não se rebaixam a dissimular as suas opiniões e os seus projetos. Proclamam abertamente que os seus fins só podem ser atingidos com a destruição violenta de toda ordem social passada. As concepções teóricas dos comunistas não se baseiam de modo algum em idéias, em princípios inventados ou descobertos por este ou aquele reformador do mundo”.

O governo moderno é apenas um comitê para gerenciar os interesses comuns de toda a classe burguesa.

A história da sociedade até, nossos dias não foi senão a história da luta de classes. A revolução comunista é a ruptura mais radical com o regime tradicional de propriedade; não há nada de espantoso se, no decurso do seu desenvolvimento, rompe da maneira mais radical com as idéias tradicionais.

A luta do proletariado contra a burguesia, embora não seja, no fundo, uma luta nacional, reveste contudo, em primeiro lugar, a sua forma. Se o proletariado, na sua luta contra a burguesia, se constitui forçosamente como classe, se estabelece, por meio de uma revolução, em classe dominante e, como classe dominante, destrói pela força o antigo regime de produção, destrói, ao mesmo tempo que esse regime de produção, as condições do antagonismo de classe, destrói as classes em geral e, por isso mesmo, o seu próprio domínio de classe.

Acabem com a exploração do homem pelo homem, e abolirão a exploração de uma nação sobre outra. No dia em que acabar o antagonismo de classes no interior da nação, acaba igualmente a hostilidade entre nações.

Eis algumas das formulações centrais do *Manifesto*. Seus adversários abertos, os burgueses, ou encobertos, os revisionistas, procuram descaracterizar que a luta entre o capital e trabalho se dá na forma violenta da luta de classes. Principalmente os revisionistas, por se reivindicarem formalmente do *Manifesto*, são os adversários mais perigosos. Inventam uma democracia que não existe (a de valor universal) para defender a democracia burguesa contra a revolução. Defendem alianças com a dita burguesia progressista, que subordina o proletariado e anula sua independência de classe. Condenam a ditadura do proletariado confundindo-a com a ditadura burocrática do termidor soviético. Combatem a construção do partido revolucionário afirmando que o bolchevismo está fora de época. Toda sua ação política está voltada a demonstrar que o capitalismo mudou em essência e que não se coloca mais a estratégia e a tática da revolução proletária. Para os revisionistas, a classe operária está desaparecendo e, por isso, perdeu seu lugar social na produção.

De nossa parte, lutamos para que a classe operária se eleve como classe consciente, assimilando e aplicando o *Manifesto do Partido Comunista* de Marx e Engels. A bandeira dos 150 anos, para os socialistas, é a estratégia da revolução e ditadura proletária. Os que querem fazer dos 150 Anos uma cerimônia de finados do *Manifesto* temem a revolução social. Os que encarnam o objetivo de destruição da sociedade de classes tem os 150 Anos apenas como mais um momento para defender a revolução.